

### SUMMARIO

Texto:—Chronica, por Santilhana.—Soror Marianna, continuação, por Pinheiro Chagas.—Beatriz, conto, por D. Guiomar Torrezão.—Os insectos, por Eduardo Sequeira.—As nossas gravaras.—O romance de um conspirador, continuação, por Alberto Pimentel.—Em familia (passatempos)—A rir.—Um conselho por semana.—Jarjaille no Paraizo, lenda, trad. de Gilda.

Graveras: —José Allen.—Francisco Crispi.—As mais premiados no concurso de belleza, em Spa.— Antonio Fernandes d'Aranjo Guimarães.—A duqueza d'Orléans na camara dos deputados fran-



### CHRONICA

Anda ahi toda a gente a dizer, a teimar que estamos no outono, a dois passos do inverno carrancudo. Uma refinadissima peta.

Pelos campos, admira-se ainda a mesma vegetação luxuriante de ha dois mezes. No ceu limpido, brilha o mesmo sol, como uma grande lantejoula pousada sobre um manto azul enorme. As tardes e as noites são tepidas. As manhãs encantadoras. Os dias primaveraes. Que mais querem?

Lá porque o mundo elegante convencionou que estavamos em pleno periodo outonal, não se segue que isso seja a expressão genuina da verdade. Conheço-lhe de sobejo as manhas. Enfastiada da monotonia da paizagem campestre, aborrecida de ver a toda a hora os mesmos pinheiros, as mesmas carvalheiras, as mesmas accacias, minada até aos recessos da alma pela nostalgia dos theatros, dos salões onde se conspira e intriga, da Avenida onde se namora, e dos bailes onde se cotilhona, essa gente ociosa e cheia de caprichos inventou que nos batia o inverno á porta, para ter um pretexto airoso de voltar á vida airada e irrequieta da capital.

E' moda, é chic, é distincto bater em retirada de Cintra, quando o Valdez da, n'uns cartazes mirabolantes, o elenco de S. Carlos. E, quer faça frio, quer faça calor, os cottages e as villas despovoam-se, bolsando para as frizas do theatro lyrico as rainhas da elegancia lisbonense.

A'manhã, essa mesma gente, que não tem ideaes nem vontade propria, que não trabalha, que passa a vida inteira escrávisada pelos caprichos ridiculos da moda, que não amamenta os filhos para não deformar as bellezas da plastica, asphixiar seha n'este meio deleterio, inficionado de tuberculose e de toxicos de toda a especie, e lembrar-se-ha com saudade do ar puro de Cintra, que trocou levianamente pelas emanações palastres

Mas mão era bem isto o que en quéria dizer. O que desejava, era profestar com todas as minhas forças contra a affirmação de que o ontono rogára já pela nossa face as suas azas frias. E' mentira, não roçou tal. Nem a invernia se avisinha, nem o sol deixon de brilhar nas alturas. Aquece-nos a mesma temperatura, e lá em cima paira o mesmo azul, onde á noite se reproduzem, como n'uma decoração feerica, myriades de estrellas de differentes grandezas.

Acaso appareceram já as primeiras violetas, como guarda avançada das primeira chuvas? Se appareceram, nós não as vimos: e emquanto não nos deliciar o seu perfume suavissimo, julgar-nos-hemos tão distantes do negro inverno, com da fria liussia.

Uma das pretenções do grande mundo que veranea, é que, sem elle, a capital perde o movimento e a vida, transformandose n'uma vasta necropole. E dizem todos là por fora, reclinados mollemente na relya, á sombra dos platanos frondosos: — Vamos animar com as nossas presenças e com as nossas equipagens laxuosas aquelle burgo pòdre; vamos repovoar aquelle ermo, imprimindo-lhe a nota distincta da nossa elegancia patricia e das nossas teilettes, opulentas. Se nos não apressarmos, aquillo morre, e é capaz de ser riscado para todo o sempre do mappa da Europa.

Chegados aqui, enviam-nos do alto dos seus landans um olbar protector, como quem se abeira do catre d'um agonisante,

e exclamam em tem convicto:

-Ora até que enfim Lisboa revive! Desde os formosos dias de maio, em que d'aqui fugimos para saudar nos campos a primavera florida, vocês, pobres miseraveis, que só teem por horisonte as janellas esguias das suas mansardas, nunca mais souberam oque era alegria e ruido. Aqui nos teem, trazendo-lhes tudo isso.

Pois enganaes-vos redondamente, o espiritos superficiaes e parvoinhos. Aqui, na vossa anzencia, trabalhou-se e viven-se; honve sempre o ruido das fabricas e das officinas. Emquanto vos namoravas la por fora o sol e a verde ramagem do arvorede, na indolencia improductiva dos ociosos, aqui, o povo labutava incessantamente, enchendo as ruas e aspraças, no seu redemoinhar quotidiano.

Eu, pelo menos, não senti a vossa falta, como não sinto a falta dos vossos salões, das vossas equipagens, das vossas toi-1-ths espaventosas, dos vossos sorrisos artificiaes e posticos.

Se aqui me aborrego quando estaes longe, aborrego-me duplamente quando vejo esses grandes ares d'uma pedanteria grotesca, e quando estudo os vossos costumes e os vossos ridiculos.

isto não peiora quando vos affastaes, nem melhora ao influxo do vesso olhar; isto é sempre mau e sempre o mesmo, sem differenças nem variantes sensiveis.

Narrei-lites ha dias o tristissimo caso Allen, esse acontecimento pavoroso que emocionou fortemente o coração da capital. imaginam que a morte do desgraçado foi o epilogo do sinistro drama? Pois não foi.

Conhecem a lugubre historia. Não uma cadellita, como se disse, mas uma alentada e forte cadella da Terra Nova, apresentando todos os symptomas da raiva, morden José Allen, morrendo d'ali a breve trecho n'um hospicio d'animaes. O alveitar, o curandeiro charlatão d'esse hospicio, declarou que a cadella não morrera hydrophoba. A autopsia feita por peritos, provou o contrario.

Emquanto os veterinarios inpugnavam o diagnostico optimista de alveitar, succumbia o pobre Allen no hospital da Marinha, e seis doutores abalisados juravam pelos seus graus que elle estava raivado.

Sabem agora o que outros doutores affirmam? Que o desventurado moço não morreu de raiva, mas sim de delirium tremens!

Sobre uma necedade, uma injuria à memoria do infeliz! Mas quem teria por fim acertado? pergunta-se. Quem? Tudo hoje nos induz a crer que fosse o chariatão do bospicio da rua Nova do Amparo. Vamos por elle.

E a authoridade mandou fechar o hospicio. Pois parece-gos

como a que vem de ser fabricada pelo sr. ministro do reino; os que vão ao estrangeiro, por mandado do governo, estudar a organisação policial dos differentes paizes, e os que são encarregados de resolver offenbackicamente os nossos conflictos com Marrocos.

No fim de contas, eu não reconheço em todos esses charlataes, que exercem livremente as suas industrias, superioridade alguma sobre aquelle misero curandeiro que declarou não estar damnada a cadella do pobre Allen. Antes pelo contrario. Esse, ao menos, encontra hoje doutores da sciencia que lhe deem rasão, enchendo-o de legitimo orgulho. Es outros, merecem o escarneo e a troça da gente de bom senso.

Só por incidente nos referimos á nova reforma de instrucção secundaria, que faz ha oito dias o desespero de todos os paes de familia.

E' preciosissima essa reforma. Para se ajuizar do seu mere-

cimento, basta ler o artigo 7.º do monumental decreto.

«Aos alumnos estranhos (ao lyceu) será permittido fazer n'uma epoca, além dos exames das disciplinas de um anno, o exame de mais uma disciplina do anno precedente, em que teuham sido adiados na epoca immediatamente anterior, comtanto que primeiro mostrem approvação n'esta mesma disciplina.

O italico é nosso: a bernardice é do legislador.

Ora por este adoravel e pyramidal artigo 7.", vê-se nada menos que o seguinte: que pode qualquer alumno fazer exame de uma disciplina em que foi reprorado, comtanto que prove que foi approvado.

Clarissimo como agua.

E' pelo theor do artigo citado, o decreto em peso

SANTILHANA.

### SOROR MARIANNA

11

Prestâmos já tão larga homenagem á perfeição do trabalho do author da Sovor Marianna, fizemos tão larga justiça ao acerto e à habilidade com que o sr. Luciano Cordeiro dirigiu as suas investigações, que não nos levará a mal o nosso prezado amigo que também façâmos uma pequena oração pro domo nostra e que protestemos um poucochinho contra umas reticencias do seu livro n'uma das notas aos Documentos.

O ponto a que nos referimos é o seguinte:

Transcrevendo a certidão de obito de Marianna Alcoforado, depois de transcripta a certidão de baptismo, o sr. Luciano Cordeiro accrescenta:

«Hão-de convir que é muito curioso que todas as investigações promovidas ou feitas por Felner, Jeromenha, Chagas, e outros chegassem à conclusão de que... não existia em Beja vestigio do nome sequer de Marianna Alcoforado.»

E cita em seguida um trecho de um dos capitulos dos nossos Dramas celebres do amor, capitulo a que se refere com extrema

amabilidade, trecho que è o seguinte:

«O autor d'este livro esteve ha pouco tempo em Beja e procurou obter alguns esclarecimentos a respeito d'esta religiosa. Nada pôde alcançar. Nem no livro das profissões nem no dos obitos se encontra este nome».

O sr. Luciano Cordeiro naturalmente deduzio d'esta citação que eu tinha ido a Beja expressamente para estudar a questão da religiosa portugueza, e que voltara bredouille como dizem os cagadores francezes.

Não foi assim.

Em junho de 1874 fui eu a Beja com intuitos muito differentes dos que lá levaram o snr, Luciano Cordeiro. Nem pensava sequer, parece-me, em escrever o livro Dramas celebres do amor. Acompanhava simplesmente o nosso saudoso Fontes Pereira de Mello, que estava então no ministerio e que ia visitar uma parte do Alemtejo e o Algarve, Hospedamo nos no palacio episcopal, cese de Beja, e nos dois dias que alli estivemos andamos à um Boavida mimoscou o seu glorioso hospede Fontes; a um baile que foi dado, parece me, que pela camara municipal; visitando os edificios publicos, o quartel de infantaria 17 e os conventos

da Conceição e da Esperança.

Pode-se imaginar nem que não era facil no meio de tudo isto fazer investigações historicas. Como era natural, quando visitei o convento da Conceição, perguntei pela celebre religiosa portugueza, e déram-me a resposta que consta dos autos. Emquanto Fontes, acompanhado pela abbadessa, visitava gravemente o edificio religioso, eu, que tinha n'essa epoca a edade de Chamilly, safei-me com um cicerone obsequioso, e fui ver a famosa janella d'onde se divisa a porta chamada de Mertola, e não Mertola como muito bem diz o sr. Luciano Cordeiro. Essa janella não se mostra ou não se mostrava então officialmente, è claro, e Fontes, que bem gostaria de a ver, não a vio; mas vi-a cu e pude sonhar que via também ali, ao fundo do corredor claustral, a doce imagem da ardente religiosa a espreitar o horizonte, e a ver se lhe sargia de repente, entre a unvem de po de uma galopada, o seu brilhante Noel Bouton de Chamilly.

No dia seguinte partimos de Beja, pela estrada de Mertola, para a mina de S. Domingos. Voltei ainda a. Beja, e segui logo para Lisboa. Foi só na rapida visita que fiz ao convento da Conceição que pedi informações a respeito da religiosa portugueza, e que recebi a resposta que o sr. Luciano Cordeiro transcreve. Nada examinei directamente, porque me affirmaram que seriam infructiferas quaesquer pesquizas. Se me contentei com essa resposta, de cuja authenticidade demais a mais não podia duvidar, foi porque não fizera essa digressão com inmitos investigadores. Se os tivesse, era bem possivel, era até muito provavel que nada tivesse conseguido. Explicou o motivo que se oppunha a que en tivesse bom exito em quaesquer tentativas, o sr. Pedro Victor da Costa Sequeira, n'um excellente artigo que ácerca da Soror Marianna escreven no Correio da Panha. Mas em todo o caso creio que me-será licito dissipar a sapposição que o sr. Luciano Cordeiro aventa de que en tivesse precurado nos livros de obitos a noticia da morte, de Marianna Medorado sem a encontrar. Pedi apenas informações verbaes, e foram essas que depois transmitti aos leitores dos Dramas attes do amor.

Dirigiu o sr. Luciano Cordeiro com muito acerto as suas investigações, e o fio que tomon para descobrir qual o anno do nascimento de Marianna, foi perfeitamente bem escolhido. Effectivamente não são de Julieta a Romeu aquellas cartas; não é uma menina de quinze annos, por mais apaixonada que esteja que as escreve. Traga-as a mão de uma mulher ardente, mas que já chegou á edade das paixões absorventes. Guiado por este indicio, encontrou facilmente o sr. Luciano Cordeiro o anno do nascimento de Marianna Alcoforado, que assim sabemos que era filha de Francisco da Costa Alcoforado e de Leonor Mendes e que nasceu em Beja no dia 22 de abril de 1640. Morreu com 83 annos de edade, apesar de se dizer no documento do seu ho-Lito que tinha 87 annos, engano decerto da escriva, e engano que parece que saltou aos olhos dos que tiveram de examinar o assumpto, porque, segundo nos diz-o-sr. Luciano Cordeiro. co Lirro dos baptisados e defuntos, que teve occasião de examiaur encontrou-se ao lado a seguinte subtracção, feita em letras antigas:

> 1723 1640 ——

83

Evidentemente houve quem encontrasse a data do nascimento de Marianna Alcoforado e que reparasse que, tendo ella nascido em 1640, não podia ter morrido com 87 annos em 1723, como se lia no livro dos obitos do convento da Conceição. Para se convencer d'isso mesmo, ou para deixar lavrado o seu protesto contra o erro da escrivã, a sr.º D. Antonia Sophia Baplista de Almeida.

Não era esse, comtudo, o engano mais grave da escriva. Bem

o prova o texto da sua declaração de obito, que transcrevemos

dos documentos com que o sr. Luciano Cordeiro acompanha a
sua excellente obra.

tos e vinte e tres, funeceu n'este rest convente de Nosas Sestiora de Concelulo a Madre D. Marianno Alcoforado, de idade de cininguem teve queixa sua, (Chamilly de certo que não) porque era mui benigna para todos (e mais um); trinta annos fez asperas penitencias (começou aos cincoenta e tres, já era tempo); padeceu grandes enfermidades; e com muita conformidade, desejando ter mais que padecer, e conhecendo que era chegada a sua ultima hora, pediu todos os sacramentos, os quaes recebeu em seu juizo perfeito, dando muitas graças a Deus pelos haver recebido, e assim acabou com signaes de predestinada, (muito the seria perdoado, porque muito amou) fallando até á ultima hora sempre de que etc.»

Os nossos commentarios em italico Lastam para indicar ao

leitor perspicaz onde estão os erros do necrologio.

O sr. Luciano Cordeiro procurou também a data da morte com uma perspicacia que o bonra, entendendo que aquella forte e sensual paixão por aquelle Chamilly não conduziria assim ao tumulo rapidamente uma freira do seculo XVII, que era epoca de realistas. Se Lopes de Mendonça vivesse, elle, que tamanha descompostura pregou em Marilia de Direcu, porque teve a petulancia de morrer com oitenta e tantos annos, que nova descompostura pregaria n'esta *Direcia* de Marilio, que também sobrevivia uns cincoenta e tantos annos á sua paixão! D'essa vitalidade deduzio Lopes de Mendonça que Marilio fóra amada, mas não amara. O que diria elle da vitalidade de Marianna: que essa amará deveras, e não fóra deveras amada? Julgava-a impossível. Não o entendeu assim o sr. Luciano Cordeiro, e acertou.

PINHEIR) CH GAS

# BEATRIZ

A MARIA ADELAIDE SANGUINETTI

lla dois annos que tornaram a encontrar-se, depois de uma ausencia que fez d'elle um homem, e d'ella quasi uma senhora; desde então um unico pensamento povoou, animou, vivificou a sua existencia.

Passar junto de Fernando a vida inteira, enlaçada pelos seus braços amantes, acariciada pela sua voz harmoniosa, illuminada pelo seu olhar profundo e doce.

Eis o sonho que possuia, havia dois amos, o seu puro cora-

ção de virgem.

Alta, esbelta, a figura ondulante e flexivel, o andar gracioso e altivo, os cabellos e os olhos pretos, franjados de longas pestanas, o rosto fresco como um ramilhete de primavera, a bôca vermelha e humida como um botão de rosa.

Tal era Beatriz.

E na immaculada candura da sua belleza de anjo, a irriadiação dos dezeseis annos.

Com passo leve e saltitante, deslisava ao longo da praia.

O olhar sereno e limpido fixava-se em um ponto invisivel; os labios, ligeiramente entre-abertos, aspiravam com delicia a viração do mar.

O sol nimbava-a, modelava em purpura e oiro a linha har-

monica do seu busto esculptural.

Longe de abrigar-se contra a violencia dos raios solares, Beatriz parecia deleitar-se em mergulhar o rosto na onda ardente e rubra que se desenrolava do poente, como que descida do céu para avivar o brilho da sua formosura juvenil.

A similhança de alguns fructos succulentos das zonas tropicaes que desdenham a sombra das folhagens, Beatriz exultava ao sentir a seiva da sua florescente primavera palpitar sob os

bejos calidos do sol.

E caminhava sempre, seguida pelos olhares deslumbrados dos homens, vagamente invejada pelas mulheres, não vendo, não prestando a menor attenção ás pessoas que por acaso encontrava, toda absorta na contemplação do mar, d'esse largo mar magestoso e calmo, deserto de purpura e azul, recortando-se ao longe, a perder de vista, em uma linha de crystal fosco.

pela masica que elle me contava se cuvido entevado, seuma regunia tedas as aspirações, todas as faptacias, todos os imma-

Dois beijos roubados á vigilancia da tia Constança, tutora e chaperon de Beatriz, dois beijos e mil protestos apaixonados, dois mil madrigaes doces como o mel do Hymetto, pareciam : flirmal-o concludentemente.

Evidentemente, (já que estamos em maré de adverbios confirmativos) o primo Fernando adorava a linda priminha Beatriz.

E depois, que seductora, a priminha!... Uma flor orvalhada pela aurora, um coração branco como a petala de um lyrio, e 500 contos. Herdeira unica e orphā independente!

Mas que importancia póde ter o dinheiro, quando se trata

do imperioso amor?...

E' certo que Fernando déra pastos á chronica lisbonense pelas suas aventuras pouco edificantes. Citava-se a lista das amantes d'esse doido gentil, que semeára ao vento do capricho todas as libras do patrimonio e todas as fantasias da cabeça exaltada.

Mas ao fundo de um solar da Beira não chegam os eccos da vida airada.

E alli vivera Beatriz, entre as suas flores e as suas aves, á sombra múrmura das carvalheiras e das accacias, até ao ponto em que viera, a instancias do noivo, passar um mez a Cascaes.

A tia Constança, myope e sceptica, professando a moral clastica de quem só conhece o mundo atravez do prisma das suas conveniencias mais ou menos egoistas, era de opinião que o primo satisfazia em absoluto aos requisitos indispensaveis a um noivo, primeiro, (segundo ponderava a sr.º D. Constança de Aguilar) porque todos os rapazes devem ter mocidade, segundo, porque lhe tardava o instante de eximir-se aos encargos da tutela.

Fernando suggerira a idéa de irem verancar em Cascaes, a villa balnear da élite, de se reunirem e ali passarem juntos o mez que deveria preceder o suspirado enlace.

Beatriz chegára oito dias antes do prazo convencionado.

Sorrira-lhe a principio a idéa de o prender no remanso do seu solar, embuscado em frondoso arvoredo, de passearem ambos ao longo das avenidas juncadas de folhas seccas, durante esses dias de sobrehumanas delicias, em que a alma, crystalisada pela febre da espectativa, perturbada pela miragem do paraiso, agitada de indefiniveis commoções, simultaneamente alegres e melancolicas, paira muito acima da terra.

Era à solidão que a vira nascer, que lhe recebera os primeiro sonhos e lhe déra os primeiros jubilos de amar e ser amada, que ella queria confiar o poema da sua felicidade.

Fóra á sombra do arvoredo secular que embrulhava o solar dos Aguilares em densos cortinados de folhagens, que elle lhe dissera a mysteriosa palavra, que deveria decidir dos seus do s destinos:—Amo-te!

Mas Fernando oppozera-se, appetecera encentral-a em Cascaes, assegurando que era uma praia do tom, do alto mundo, digna em tudo de acolher uns noivos chics, e Beatriz conformára-se.

Porque não? não seria a vontade de Fernando o onze mandamento da lei de Deus?

Faltou-lhe, porém, a coragem para aguardar sósinha e tão longe d'elle o dia fixado.

As arvores, que o amor florira e poetisara, os horisontes em que os seus olhares se absorviam, confundidos e identificados, os sitios predilectos em que haviam trocado phrases que se gravam indelevelmente nos corações leaes e puros, perderam todo o seu encanto, desde que elle se ausentou.

Uma impaciencia febril devorava-a. Precisava de movimento, de agitação; o movimento illude a espectativa, assim como

illude muitas vezes a propria dor.

Beatriz subiu da praia ao Forte, atravessou a parada e seguiu, pensativa, pelo caminho que leva à Boca do inferno.

Um sorriso esvoaçava-lhe nos labios, ante a magestade infinita do mar, quebrando-se de encontro aos rochedos e envolvendo-os em turbilhões de espuma. Os pinheiros e os eucalyptos meneavam brandamente as suas frontes de um verde metallico.

A larga viração do oceano, passando pelos vegetaes, impre-

gnara-se de um aroma vitalisante e suave.

Ao longe, o céo lavado revia-se na transparencia da agua,

nitida como um espelho.

A gloriosa natureza peninsular parecia nureolar a noive po fulgor de uma apotheose.

Pouco a pouco, veio-lhe do ampio espaço, afogado nos ru-

O olhar de Beatriz, até então claro e tranquillo, obscureceu-se.

A sua radiosa infancia, as imagens longiquas e quasi apagadas da santa que lhe déra o ser, do pae que a trouxera nos braços, as avenidas do parque onde ella brincara e correra, cabellos soltos ao vento, a austera e exuberante paizagem da sua Beira, sombreada pelas annosas carvalheiras, pelos copados castanheiros e gigantescos pinhaes, enlaçando as suas vegetações uberrimas na garganta dos cerros, passaram-lhe rapidamente pelo espirito, como uma visão fugitiva, cuja magia se lhe revelava pela primeira vez, pungindo-a, ao esvaecer-se, de uma nostalgia indefinivel.

De subito, os seus grandes olhos negros scintillaram, a tristeza dissipou-se como por encanto; o vulto esbelto de Fernando estendeu-lhe os braços... Reviu-o, na memoria, pegando-lhe ao collo, no dia da partida para a universidade; ouviu resoar a zombeteira gargalhada do primo, quando ella um dia lhe disse-

ra, impertigando-se nos bicos dos pés:

-Fernando, eu hei-de casar comtigo, ou não me caso.

Viu-o, mentalmente, regressar bacharel em direito, com o seu lindo bigode loiro e annelado; sentiu no coração a divina e ineffavel melodia da voz d'elle, ao murmurar-lhe as primeiras

palavras d'amor...

Alheada na extatica contemplação do seu breve passado, sobre o qual o futuro projectava a fulgida irradiação de uma festival manha de maio, chilreada de canticos, Beatriz achou-se de improviso, sem consciencia do sitio onde estava, na aresta do rochedo sobranceiro á gruta natural, aberta nas anfractuosidades do granito pelo embate das ondas e denominada Bóca do inferno.

Machinalmente, fitou a esplanada, franjada de flocos de es-

puma.

Duas mulheres, vestindo á cannotière, de côres garridas e espectaculosas, curvavam-se para o mar, riscando na espuma com a ponteira do pára-sol.

Dois homens, assentados nas ribas, riam doidamente.

Uma das mulheres, alta, loira, cabeça petulante e dominadora, olhar provocante e sensual, atirou-se aos braços do homem, que a fitava tenazmente.

O homem levantou a cabeça, e Beatriz, aterrada, petreficada

de assombro, reconheceu Fernando.

Instinctivamente, desceu parte do plano inclinado que ia ter à esplanada e escondeu-se na cavidade de um rochedo.

—Sempre é certo, cazas-te? perguntou a loira, soltanto uma

gargalhada.

—Fatalmente, volveu Fernando!

-E chama-se Beatriz, continuou a loira, accendendo uma cigarrilha? Pobre Beatriz! que singular guia ella escolheu para visitar o inferno do casamento!

—Um Dante feito á pressa! Que importa, se tu me reservares sempre um logarsinho no paraizo de Mahomet? acudiu Fer-

nando.

-E' bonita? inquiriu a outra mulher, atando o laço do sapato.

-Não é feia, informou Fernando puxando as guias do bigode, não é feia e tem 500 contos. Mas imaginem que a pequena queria por força aferrolhar-me no seu solar carunchoso, na espectativa... da execução capital! Se vocés me vissem a fazer idyllio, accrescentou bandinando-se, era de morrer a rir!...

-Passaste-lhe o pé, hein? indagou o amigo, cingindo o bus-

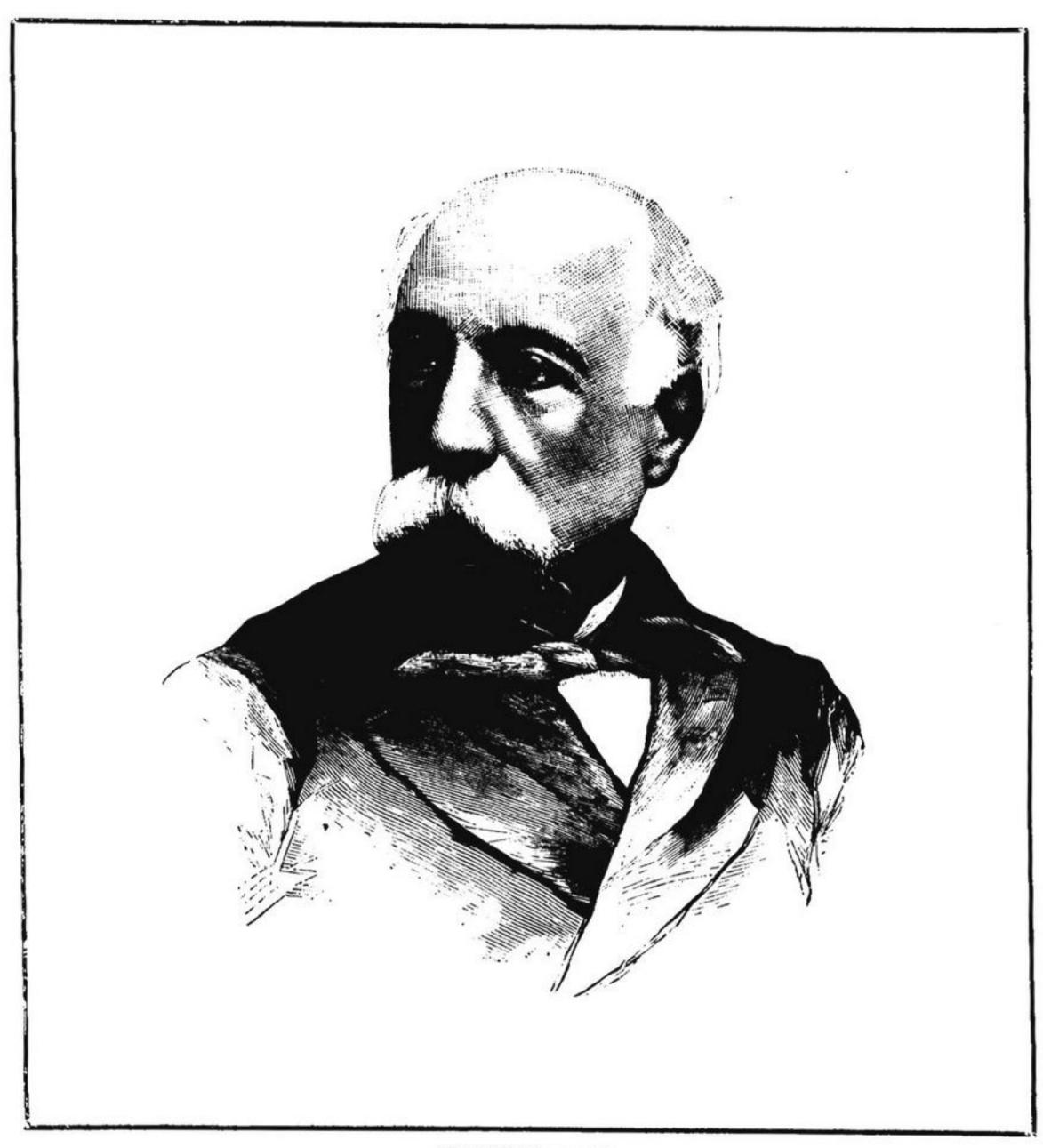
to da sua companheira.

-Vim armar o ninho, tornou Fernando. Um ninho, eu! eu, que á similhança do cuco, nunca habitei senão no ninho dos outros!

-Quando te casas? perguntou a loira, assoprando o fumo para o ar.

-D'hoje a um mez, retorquiu Fernando, beijando-a na nuca. Mas pelo amor de Deus! não estragues o passeio com assumptos de gato pingado! A proposito, convido-os para uma ceia no Bragança, no dia immediato.

Beatriz erguera-se de salto, galvanisada por uma dor violenta. Por um segundo, o coração immobilisou-se-lhe no peito, como um cadaver dentro de um tumulo. Em acquida, uma on-



FRANCISCO CRISPI

verberos do poente apagaram- na banda cinzenta que opprimia o horisonte.

Beatriz dirigiu-se a um pescador, que seccava as redes, e perguntou se queria conduzil-a a passeio até ao Bugio.

O homem abanou a cabeça, para a curvar obediente, ao ver luzir nas mãos callosas uma libra.

D'alli a ponco, o barco vogava á flor da onda, engolphando a quilha na ardentia e largando ao vento a vela enfunada.

Beatriz assentára se á prôa; o remador dava-lhe as costas; na agua retinta do verde glauco a espuma serpejava arrastando a sua cauda de arminho.

Por duas ou tres vezes, o pescador disse ao acaso algumas palavras, tentando encetar conversa.

Beatriz, porém, quedára-se silenciosa, o olhar fixo, dilatado por uma visão estranha, os olhos de vidro turvo abertos no vacuo, o corpo hirto, como o de uma estatua.

A espaços, esse olhar de morta perdia-se na direcção da Bora do inferno, e cavava-se nas faces lividas, despedindo relampagos.

Anontecera: as estrellas rompiam por entre nuvens: na barra, o mar bramia, estorcendo-se em ondulações demoniacas.

O remador, surprehendido, voltou-se, lembrando que seria arriscado ir ao Bugio, e pergunton se a menina queria desembarcar.

—Ainda não, continue a remar, responden Beatriz.

Na altura da costa, os faroes abriam a sua pupilla sauguinea: a liaha extrema do horisonte desenhava-se em um traço phosphorescente.

O bote voava ao lume d'agua, impellido pelo nordeste.

O vulto esguio e negro do pescador esbatia se confusamente ante o olhar allucinado de Beatriz, como uma apparição fautastica. Aos ouvidos, zumbiam-lhe as palavras de Fernando, enterrando-se-lhe no coração como punhaes aliados.

—Voltemos, disse de repente, cedendo talvez ao terror que se lhe transmittia da desolação d'esse mar infinito, pactuando no mysterio das travas com assa ponte silangiam.

no mysterio das trevas com essa nonte silenciosa.

Beatriz diligencioa luctar com o frio que lhe subia ao coração, que lhe paralysava o cerebro, que a hypnotisava e anniquilava.

A escuridão, a immobilidade, a total auzencia de sensações physicas, esmagavam-a com a sua força invencivel.

A agonia tornou-se intoleravel.

Os olhos da infeliz não avistavam senão pontos brilhantes, fuzilando na sombra; aos ouvidos vibravam lhe soas bizarros, incoherentes; as mãos agitavam-se lhe no vacuo; todos os sentidos pareciam extinctos. So a dor persistia aguda, profunda, dilacerante.

De subito, o bote deslisa na projecção do farol da Guia, que o illuminou de um clarão funereo.

Approximou-se da praia; a maré enchia; as ondas cresciam, retalhadas pelo vento, que soltava no espaço o seu clamor plangente.

O barqueiro levantou-se para colher a vela, em seguida olhou e não viu ninguem.

-Minha senhora! griton assastado, minha senhora!

A voz do homem expirou na grande voz do mar e do vento, sem acordar um echo.

O pescador despin a japona e atiroa-se á agua, nadon valentemente, mergalhou repetidas vezes, mas só achon as ondas que o envolveram e o arrastaram.

O corpo de Beatriz, a nova Ophelia, fluctuava ao loage, embrulhado na sua mortalha transparente e gelida.

GUIOMAR TORREZÃO.

#### OS INSECTOS

Tiram os insectos o nome da particularidade que lhes é geralmente commum de possuirem o corpo como que cortado em duas partes distinctas, como vemos, por exemplo, na mosca, na formiga e na vespa.

O que essencialmente distingue os insectos, separando os d'alguns miriapodes e aranhas com que o vulgo geralmente os

finitamente pequeno, que, pela vez primeira, com um assombro bem justificavel, viu na larva do insecto não só os rudimentos das azas, mas tambem os ovos de futura borboleta!

Esta descoberta, plenamente confirmada mais tarde com o aperfeiçoamento das analyses mycroscopicas, veiu mostrar que o desenvolvimento dos séres é harmonicamente egual entre si e que sómente uns, como os insectos, soffrem as mudanças de forma fora do ovo, emquanto os mammiferos, as aves, os reptis e os peixes, se transformam no ovo, apparecendo, excepto no tamanho, semelhantes áquelles que lhes deram origem.

O mundo dos insectos é infinitamente prodigioso, compara-

do com o de todos os os outros sêres.

Pela sua immensa força muscular, pela arte, pelo excepcional colorido, pelas brilhantes scintillações com que nos embellezam as noites, pela forma de viver, e, principalmente, pelos beneficios que muitos nos prestam, são os insectos os animaes mais curiosos da creação e os mais dignos de particular e especial estudo.

O insecto é artista e é guerreiro.

Armado de todos os instrumentos necessarios para o seu variado trabalho, é um industrial activo para o bem da progenie. Mas ai de quem o atacar!

As armas de paz transformam-se em potentes machinas de exterminio, e os venenos, os narcoticos e os acidos que queimam, levam a morte e a assolação por toda a parte por onde elle passar.

O amor que é a vida e a alegria, que transforma, desenvolve e aperfeiçoa todos os sères, é, para o insecto, a morte. Amando, morre, soffrendo o martyrio cruel de não chegar a vêr a descendencia querida.

Os animaes superiores acompanham, amparam e educam os filhos até à edade d'elles poderem prescindir da protecção e carinhos paternos; mas os insectos apenas podem cercar de cuidados o ovo, para que as larvas, ao nascer, tenham tudo o que lhes é necessario para poderem facilmente viver.

Mas que intelligencia não nos patenteia então a mãe borboleta, que não come, por isso que tendo de viver, como insecto perfeito, apenas o tempo indispensavel para operar a postura, não tem necessidade de alimento algum, mas que lembrando-se do que comeu na primeira phase da vida, não põe nunca os ovos senão no vegetal proprio para o sustento das larvas!

Pela sua parte, também o escaravelho, cuja postura é feita vagorosamente, por espaço de dias, necessita de comer no estado de insecto perfeito. Mas os alimentos que então absorve são muito diversos d'aquelles de que se nutria quando era larva.

Pois, apesar d'isso, para depor os ovos, vae enterrar-se n'um solo cheio das plantas cujas raizes são indispensaveis para a nutrição e viver da larva durante o longo periodo de tres annos. Esta previdencia maternal, de que se não conhece excepção, é sem duvida, o que ha de mais bello e brilhante, na historia dos insectos.

Os insectos não teem, como as aves, a faculdade de voarem segundo o seu desejo, qualquer que seja a direcção do vento: logo que soprar uma aragem mais forte, elles são forçados a deixarem-se arrastar por ella. Mas, confiando se á direcção do vento, fazem muitas vezes longas viagens de centenares de leguas, como temos visto com os innumeraveis bandos de gafanhotos que por vezes teem invadido a Europa, arrastados até nos pelos ventos do interior da Africa.

O olfato e a vista dos insectos são d'um admiravel desenvolvimento.

Borboletas ha, que teem vinte e cinco mil olhos, e em algumas moseas a totalidade da cabeça é invadida pelos olhos, que formam a quarta parte do corpo.

Os insectos aquaticos teem os olhos voltados para baixo e para o alto, a fim de, ao mesmo tempo, se poderem facilmente acautelar das aves que atravessam os ares e dos peixes que sulcam as aguas dos rios.

Se um so insecto herviboro podesse multiplicar sem obstaculo toda a innumeravel descendencia, a terra cessaria em pouco de ser habitavel. Felizmente, que os ovos lhes são devorados aos milhões, pelas aves, pelos reptis, pelos peixes e pelos propries insectos carniveres, sem o auxilio dos quaes o bonam não poderia resistir aos potentes metos de destroição e atrape de seres que nos parecem insignificantes e pouco dignos de



Mademoiselle Marthe Soucaret



Mademoiselle Angèle Delrosa



Mademoiselle Marie Stevens



Mademoiselle Olga Nadiaska

AS MAIS PREMIADAS NO CONCURSO DE BELLEZA, EM SPA

Se os trombeteiros, esses terriveis insectos sugadores sahidos dos charcos, nos fazem soffrer mil martyrios, se a mosca importuna nos póde innocular o horroroso carbunculo, e se as larvas de quasi todos os coleoptéros e lepidoptéros devoram o melhor da nossa vegetação, também o bombyx nos dá a seda, a abelha o mel e a cêra, a cochonilha a côr priveligiada do manto dos cardeaes, e a cantharida, esse sêr ardeate, de deslumbrante colorido, nos fornece o sen amor, sob a forma de um veneno terrivel, de que a medicina faz hoje um uso tão salutar!

E não esqueçamos os insectos carnivoros, e o escaravelho de sagrada recordação no Egypto, essa esmeralda esplendida que vive da morte, purificando a terra das impuras decompo-

sições com o seu incessante e benefico trabalho.

Depois, dão os insectos em geral uma palpitante nota de animação a todos as paisagens, quer como as borboletas volteando os calices das flores, á procura do nectar, como as libellinhas, sobre os regatos, recortando os ares em caprichosas danças, ou como a maioria dos orthoptéros embellezando as bellas noites de estio com a doce suavidade do seu incessante cantar, ou como o pyrilampo, animando as balseiras com mil fogos fatuos de arrebatador aspecto.

A vegetação merece também aos insectos cuidados especiaes. São elles os auxiliares continuos e obrigatorios da fecundação de grande numero de plantas, dependendo da sua abundancia, especialmente dados hymenoptéros, a riqueza de muitas

colheitas.

Os hymenoptéros, introduzindo corpo errigado de pellos no calix das flores a fim de recolher o pollen e o nectar, concentra em si o thesouro d'amor do pequeno vigetal, e transporta á esposa ausente os suspiros, os desejos e os perfumes do amante solitario, sob a forma do pollen que lhe vae depór nos estigmas. E' um sacerdote sublime que diariamente celebra milhares de casamentos, recebendo em troca dos seus beneficos serviços o perfume e o mel das flores, que docilmente lhe facultam o intimo santuario dos seus affectos.

O hymenoptéro não inutiliza a planta; sem a damnificar, livrando-a até do excesso de producção, colhe o material necessario para o sustento da larva, construcção das cellulas e fabrica-

ção do mel.

Muitos vegetaes ficariam estereis sem o auxilio dos hymeno-

ptéros.

Por exemplo, entre muitos, os que teem a corolla tubular ás avessas e pendente, o que faz que os estames fiquem mais bai-

xos que o pistillo.

Não podiam estes vegetaes ser fecundados, se o insecto, para attingir os nectarios que existem na base da flór, ao passar não roçasse pelas antheras, levando d'este modo a fecundação ao pistillo.

Algumas orchidias também devem aos insectos a sua te-

cundação.

Mas afora estas plantas, os insectos augmentam a fecundação de muitas leguminosas e cruciferas, e fazem desenvolver a producção pela fecundação crusada, distribuindo indistinctamente o pollen, e misturando, por isso, ao mesmo tempo, as especies e os generos.

No insecto ha o predominio da femea.

Só isso bastava para provar o alto papel que elle desempenha na creação. Mas ainda ha mais. O insecto tem também um coração. Não é um ser collocado no extremo limite da escala zoologica; é um animal dotado de elevadas faculdades intellectuaes, como o prova a sua excessiva riqueza de elementos sensiveis.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

JOSE ALLEN

Poucas vezes o coração de Lisboa tem sido tão profunda

quasi electrica. Brilhou sinistramente como um relampago. Todos a viram. E todos sentiram, como que rolando por cima de suas proprias cabegas, essa tempestade subita, que atirava para, a sepultura em convulsões horriveis, um mego em plena sazão de esperangas, e enchia de sobresaltos e pavores familias inteiras, receiosas de estarem inficionadas de virus rabico.

Lisboa, a Lisboa que regressando das praias principiava a interessar-se pelas primeiras violetas e pelas primeiras noticias de S. Carlos, commoveu-se perante essa, tragedia de horrores e essa epopeia de lagrimas, que ninguem esperava e que, além da sua natural e sinistra grandeza, arrastava comsigo a terrivel suspeita de ser, como as tragedias d'Eschilo, a primeira de uma serie.

Felizmente, até hoje, os factos não teem correspondido á do-

forosa interrogação do publico.

A victima foi uma só, mas tão sympathica na sua desgraça que todos os espíritos a ficaram chorando ao medir a enormidade da catastrophe.

José Allen nascera no Porto, a 7 de maio de 1860, e era filho do sr. Jorge Allen, já fallecido, e de D. Joanna Gubian Alien.

Foi empregado no Banco Agricola em 1878, e em 1880 entrou, como guarda livros, na casa do sr. Bensande, desempenhando qualquer d'estes cargos com muita honradez e intelligencia. Em 1883, foi a concurso para official de fazenda da Armada, obtendo uma das primeiras classificações. N'esse mesmo anno foi nomeado aspirante, e em 1884 partiu para a sua primeira estação em Angola, d'onde volton um anao depois, com parte de doente. Em dezembro de 1885, partiu para Macan, a cumprir a sua segunda estação, regressando d'ali em abril do corrente anno.

#### FRANCISCO CRISPI

E' o presidente do conselho de ministros de Italia, e a sua individualidade política tem sido agora muito discutida, por causa da alliança italo allemã e da recente viagem do imperador Guilherme II a Roma.

Francisco Crispi nasceu em Raguza (Sicilia) em 1818.

Advogado em Palermo, foi, desde muito novo, um fervoroso partidario da liberdade e da unidade da Italia. Tomou parte na conspiração contra os Bourbons, e em 1848 foi exilado, vivendo algum tempo em Paris.

De volta à Italia, tornou-se notavel pelo ardor com que de-

fendeu a causa nacional em pró do conde de Cayour.

Acompanhou Garibaldi, em 1860, na sua expedição à Sicilia, tomando parte em todos os feitos de armas.

Eleito deputado, alistou-se nas fileiras da opposição, e fezse notar sempre pela sua energia e pelas suas idéas de governo.

Partidario convicto da allianga com a Allemanha, não deixon nunca do defender esta política, batalhando por ella denodadamente.

Nomeiado, em 1877, presidente da camara dos deputados, o rei Victor Manuel encarregou-o d'uma missão em Berlin, onde lançou as primeiras bases da sonhada alliança italo-allemã.

Ministro da justiça em 1878, prestou assignalados serviços por occasião da morte de Victor Manuel e do Papa Pio IX.

De 1878 a 1887, na camara, conservou-se sempre afastado da lucta dos partidos; e quande Depretis, depois de dez annos quasi continuos de governo, sentindo-se morrer, quiz indicar ao rei e ao paiz o seu successor, escolheu-o a elle.

Crispi é presidente do conselho de ministros de Italia, desde julho de 1887 e tem seguido até hoje as idéas sustenta-

das por Depretis.

Patriota ardente e convicto, foi o primeiro a proclamar que só a monarchia pode fazer da Italia um paiz forte e unido.

AS MAIS PREMIADAS NO CONCURSO DE BELLEZA, EM SPA

Conforme é sabido, realisou-se ha dias em Spa um concurso Belleta, a sua essistiram 21 mulhores formasissimas de di-

No dia da distribuição do premios, houve em Spa ruidosas festas, sendo convidadas para assistir a esta solemnidade galante todas as authoridades locaes.

Cada uma das laureadas recebeu um premio em dinheiro e

um diploma.

O primeiro premio, de 10:000 francos, foi conferido a

Mademoiselle Martha Soukaret.

uma joven creoula da Martinica, de cabello loiro e olhos pretos, que reside em Paris. Tem 18 annos e é uma aguarellista muito notavel.

1) 2." coube a

Mademoiselle Angela Delrosa,

filha d'um funccionario belga.

Tem sido educada n'um convento, esta formosura, e volta para lá, depois da sua rapida apparição no mundo.

0 3.º premio pertenceu a

Mademoiselle Mary Sterens.

Esta bella, que já alcançára o primeiro premio n'um concurso realisado ha annos, em Bruxellas, é uma joven viennense, que se dedicou à vida litteraria, e que é correspondente em Paris d'um dos maiores jornaes de Vienna.

Mademoiselle Stevens tem 22 annos, cabellos loiros e olhos negros, e é alta, esbelta e magestosa. Vestiu, para o concurso,

um vestido verde Nilo, com desenhos Luiz XVI.

A toilette da primeira premiada, mademoiselle Soukaret, era cor de rosa claro com ramilhetes Luiz XV, e saia coberta com tulle cor de rosa.

0 4.º premio coube a

#### Mademoiselle Olga Nadiaska

Esta formosura, rescendendo todos os perfumes da mocidade e da elegancia, foi classificada em quarto lugar.

Quer-nos parecer que houve injustiça do jury, e que mademo i-

selle Olga deve estar despeitada.

Um dos membros do jury escreveu o seguinte, a um dos seus amigos, durante o periodo do concurso:

"Isto aqui está insupportavel de belleza. Passeia-se entre

deusas, e estou morto por ver mulheres.

«Não se atreveu a apparecer nem uma só mulher feia; pois se viesse, parece-me que apanhava o premio, tão enfastiados estamos de mulheres bonitas.

«A belleza é como as pedras preciosas; a escassez é que a torna mais valiosa. Um jardim em que não houvesse senão rosas, tornava-se insupportavel.

Oh! Deus do céo! quem me déra uma feia!»

#### ANTONIO FERNANDES D'ARAUJO GUIMARAES

O illustre commerciante ha pouco fallecido, cujo retrato hoje damos, nascera em Guimarães, a 25 de março de 1838, e comegou a sua vida exercendo no Porto a mesquinha posição de margano. Mais tarde, foi para o Brazil, a procurar fortuna pelo trabalho honrado.

N'aquelle outro hemispherio grande e selvagem, como lhe chamou um tribuno portuguez eloquentissimo, viu Araujo Guimarães um grande horisonte para as suas aptidões e actividade inquebrantavel. A breve espaço, com pouco capital, fez a primeira casa de «ensaques» no Rio de Janeiro.

A casa Araujo Guimarães tivera um movimento, annualmente, de vinte mil contos com o primeiro estabelecimento de

credito do Brazil.

dito do Brazil. Do imperio do Cruzeiro, voltou pela primeira vez a Buropa, em 1872, e ha dois annos viere para a sua terra natal, diplo-

Araujo Guimarães falleceu no dia 3 d'agosto ultimo. Era um homem muito sympathico, intelligente, honesto e caritativo.

#### A DUQUEZA D'ORLÉANS NA CAMARA DOS DEPUTADOS FRANCEZA

llelena Luiza Izabel de Mecklemburgo Schwerin, duqueza d'Orléans, esposa do duque d'Orléans, Fernado Fillippe Luiz Carlos Henriques, ganhou as sympathias em França, e depois de viuva consagrou-se inteiramente á educação dos filhos.

Quando Luiz Filippe, em 1848, abdicou em favor do seu neto, o conde de Paris, a duqueza foi com os seus dois filhos e com o duque de Nemours á camara dos deputados, onde a maioria lhe era favoravel. Dupin amunciou a abdicação do rei e propoz a duqueza para regente, mas a assembléa foi de subito invadida. A duqueza quiz duas vezes fallar, mas a sua voz foz foi abafada pelo tumulto, pediu-se a formação de um governo provisorio, e augmentando rapida e extraordinariamente a desordem, a princeza sahiu da assembléa acompanhada por Julio de Lasterie.

Conduzida então para o palacio dos Invalidos, partiu n'essa noite para a Belgica e d'ahi passou à Allemanha. Posteriormente foi para Inglaterra com os filhos e morreu em Richmond no anno de 1858.

# O ROMANCE DE UM CONSPIRADOR

(Continuado do numero anterior)

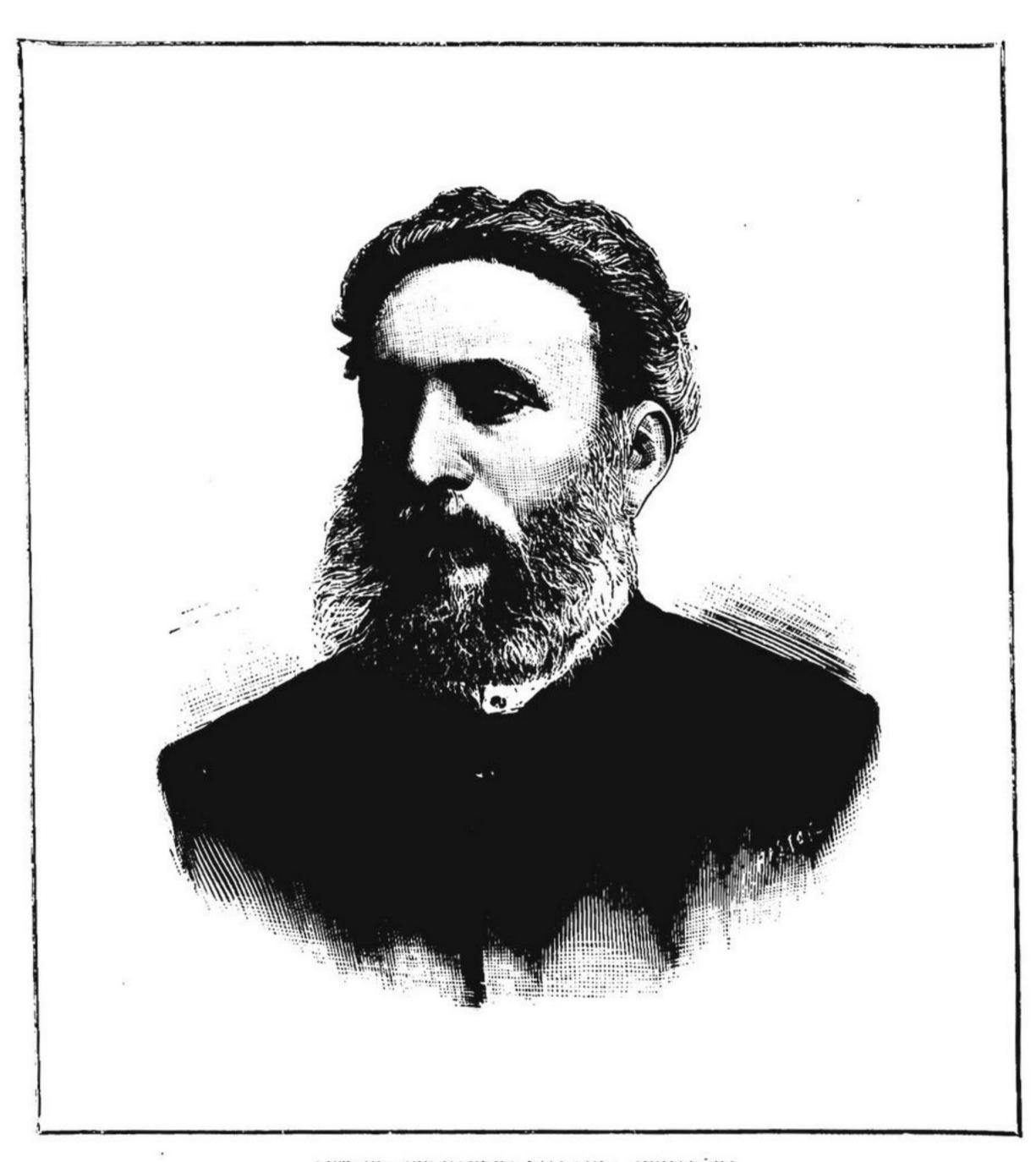
Ouvido o libello pelo rei e seu conselho, foram julgados procedentes os artigos de accusação, ordenando D. João II que se o reo tivesse artigos contrarios, viesse com elles. Como não veiu, correu o processo á revelia, sendo admittida a prova do procurador da justiça, o qual offereceu a inquirição devassa que por este motivo havia sido tirada

Fernão da Silveira teve conhecimento dos éditos de citação; mas só quando se viu salvo em Castella ousou denunciar o seu paradoiro, não escrevendo uma justificação judicial, mas dirigindo particularmente ao rei uma carta audaciosa, de que va-

mos extrair alguns periodos:

«... eu dias ha que estou n'esta Côrte de El-Rei e da Rainha de Castella, meus Senhores, e bem se sabe em Portugal: poderia tambem responder a elles (editos) por direito, outras razões poderia dar n'este caso, mas não quero alongar a escriptura e ainda d'estes me quero lançar fora; somente digo que os éditos contra mim postos são mandados por por vos ante quem o direito nem justiça não vale nada, nem ousa ninguem de os julgar que claramente sobre os éditos que contra Ruy Lopes Coutinho mandaveis por, dizem de vos os letrados que não era de direito de se porem na forma que querieis, dissestes que quem aquillo dissesse o mandarieis estofar e cobrir a cadeira de sua pelle e isto ao Doutor Nuno Gongalves, que quizestes lançar a perder por uma sentença que deu segundo lhe parecia direito no feito de Cezimbra; d'estas taes pudera dizer muitas mas sobre cousa tão clara como a Vossa Injustiga, não cumpre muitas provas, bem se sabe que nenhum homem em Vosso reino não ha de julgar, senão o que vós quizerdes e bem se sabe que é o que vos quercis; e deixando todas estas cousas sómente digo que apello de vós para Rei direito e justiçoso, e que o mereça e deve ser e ainda que para isto ahi não houvesse prova senão as obras que fazeis abastariam afora outras cousas que tenho caladas para quando cumprir, assim que vossos éditos para mim não são de nenhum valor, nem força, e protesto que cousa que n'elles digaes, nem sentença que por elles contra mim se der, não me possa damnar nem empecer em nenhum tempo que seja,

Ora, Senhor vos quero dar conta de mim a di em minus sanda d'esse Reino e o perque ser que justes, e trabalhantes de ma vez A mio, o que prin



ANTONIO FERNANDES D'ARAUJO GUIMARÁES

que não devia estar á mizericordia de quem não tem nenhuma nem esperar Vossas injustiças e crueldade, as quais em mim sei que muito desejaveis executar que pela grande que com o Duque que Deus haja ticha cuidaveis que saberia a causa da sua morte. a qual não foi outra senão o grande mal que sempre lhe quizestes 🤟 6s grandes aggravos e desLouras que lhe fazieis, as quaes seriam cousa larga de contar, se houvesse de contar das escripturas e doações que lhe furtastes do cofre que a Senhora Infanla sua mãe deixou em guarda da Rainha Vossa mulher, e de como nunca lhe confirmastes cousa que tivesse, antes lhe quebrastes vada dia suas cartas e privilegios e mandaveis a letrados a revolver livros para lhe tirar a vintena da Guiné, afóra na paga d'ella terdes tal forma que a mór parte lhe levaveis, e quebrastes-lhe o trato da canella e fizestes que em Côrtes que vos requeressem que lhe tivesseis as saboarias e o montado, e tirastes-lhe o desembargador que trazia na casa e tirastes-lhe a jurisdicção dos rendimentos das suas rendas, e dissestes que se vos não tornasse a liba da Madeira por terras do Duque que lh'a resariens a perder e deixando estas consas e ontras muitas que contra elle tendes feito e commettidas tocantes à sua fazenda nos quaes ia a maior parte do seu estado e em muitos todo lhe fazicis e ordenaveis outras em que lhe la honra e vida são tratal-o mui descortez e soberbamente e fallares n'elle mui feiamente chamando-lhe rapaz e necio, e que não era para nada, e trazerdel-o em vossa Côrte a seu pesar, que por preso o haviam todos, não querieis consentir que cazasse com uma filha d'El-Rei men Senhor, e mui honradamente casára, nem quizestes que cazasse Irman com elle desejando-o ella, e tendo vós promettido à Infante Sua Mãe que farieis n'isso o que pudesseis, lizestes o contrario, por onde visto está, que querieis que elle não cazasse com ninguem por não haver filhos que herdassem o seu. e d'isto ha outra mui mais certa prova que estas, que é certo que lhe mandaveis dar cousa para não haver geração, e foi-lhe descoberto, depois The foi dito como mandaveis alguns que o matassem de noite indo elle fora só, fingindo que o não conheciam. e fo avisado, e guardou se, e depois foi avisado agora em Santarem, que com um cosinheiro trataveis para lhe dar pegonha, assim que claro está que dias ha que tinheis determinado de fazer o que fizestes, e mais o matastes porque vos elle devia matar que por querer matar, que se elle tal quizera, não audára tão mal aparelhado para tal negocio nem viera só ver-vos e deixara-vos os mais dos seus em Palmella nem os que com elle culpaes, não estiveramos tão mal apercebidos, que eu n'esse mesmo mez não mandára com meus Irmãos, os meus escudeiros e encavalgados, nem lhe dera os meus cavallos e armas de minha pessoa e áquella hora estava em casa de meu Pac que Deus haja sem sabet que o Duque era ido nem D. Alvaro de Athayde vos houvera de matar em Santarem nem D. Pedro de Athayde inda no ventre em muitas cousas pudera dizer em prova d'isto mas abasta o que todo o mundo sabe que matastes o Duque mal, e como não devieis e por mau respeito e isto pudera bem provar por direito e leis e ordenações, mas porque seria longura será melhor que vamos por a batalha, cu estou aqui e affirmo uma duas ou tres vezes, que matastes o Duque mal e como não devieis, e alcivosamente e o defenderei a quem por vossa parte me desaliar e isto darci empreza para vós mandares tomar a D. Vasco não já que elle tomou, e d'esta guiza me devieis vós mandar matar que não à traição, como me dizem que mandais e se per vossa pessoa isto houvera de ser feito bem sei que vos não porieis n'este risco assim porque sabieis a verdade como por ali e se isto se ordenar para que venha a fim, por aqui se saberá a verdade, porque eu espero que será n'isto tão Inteiro Juizo como em tudo e se vos disto escuzardes n'elle espero que mostrará tal juizo de vós o qual merecem essas obras e que vingará no sangue dos mortos, por mãos dos vivos, etc...» (1).

No final da carta, que é um documento importantissimo para a historia da epocha, allude Fernão da Silveira á phrase dita por D. João II ao moço da camara, phrase que determinou o seu

procedimento contra o rei:

«...mas como natural e amigo d'esses reinos e por bem d'elles vos desservirei em tudo o que puder, porque todo o desserviço e nojo que fixer a vos vem a essa terra e gente della assim grandes como pequenos, os quaes praza a Nosso Senhor livrar da sujeição e captiveiro em que vivem, e de mim digo que serei sampre tal inimigo como devem de ser todos os

O processo subiu concluso perante o rei em Relação com os do seu Conselho e Desembargo, sendo proferida sentença condemnatoria a dez de junho de 1485, dada na villa de Portel:

"...condemnamos, e mandamos onde quer que fór achado, e tomado, e comprehendido dentro em estes Reinos, e seus Senhorios, e em qualquer Cidade, Villa, ou Lugar d'elles, logo morra cruel morte natural, e seja esquartejado, e seus quartos de seu corpo sejam postos nas portas da Cidade, Villa, ou Lugar onde fór preso, e a sua cabeça, seja posta no Pelourinho: e isto sem elle mais ser ouvido, nem requerido, visto como este maleficio é claro, e notorio, e que elle principalmente e primeiro o commetteu, tratou, conspirou a dita maldade, e traição: e havemos todos seus bens moveis, e de raiz, e assim os da Coroa do Reino, se os trazia, e os patrimoniaes, e declaramos por confiscados, e applicados á Coroa Real d'estes nossos reinos, a que direitamente pertencem."

Dois annos depois, ainda Fernão da Silveira estava em Castella, protegido pelos reis catholicos, que se recusavam a en-

tregal-o a D. João II.

Em 1487, n'um conselho realisado em Santarem, ventilouse a questão de assentar no destino a dar ás mulheres dos conspiradores, sobre as quaes recahiam suspeitas de estarem em

intelligencia com os maridos

Os drs. Fernão Rodrigues e Nuno Gonçalves foram de parecer que deviam ser enviadas com os filhos aos maridos, não só para não peccarem com outros, mas também porque não deviam pagar pelas culpas d'elles. E ainda porque os filhos dos conspiradores constituiriam um foco permanente de conspiração pelo desejo que teriam de vingar os paes.

Ao dr. João Teixeira, chanceller-mór, pareceu melhor não renovar a lembrança de factos que o tempo ia esquecendo. Que, mais aquietadas as paixões políticas, bem podiam os filhos dos

conspiradores ser leaes servidores d'el-rei.

Por isso entendia que se deixassem sahir com seus tilhos e haveres as que quizessem ir reunir-se aos maridos; mas que não fossem obrigadas a fazel-o todas, indistinctamente.

Os restantes membros do conselho concordaram com este

alvitre. O rei também concordou.

Então Ruy de Sousa disse saber que a mulher de Fernão da da Silveira folgaria de ir para o marido.

Ora um documento da epocha, que suppômos inedito, diz

qual foi a resposta de D. Brites de Sousa:

"Esta parte tomou el-rei de as não mandar constrangidamente, e mandou a esta de Fernão da Silveira saber se se queria ir, e ella escolheu a parte de estar no reino por então." (1)

Uma tal resposta surprehendeu decerto o leitor, por não ser conforme com a declaração que no conselho d'el-rei fizera Ruy de Sousa.

Tem comtudo uma explicação, e o leitor vae sabel-a.

(1) Torre do Tombo, cella M. masso 1163, fl. 495.

(Continua)

Alberto Pimentel.

#### EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

#### CHARADAS

Do nosso formoso Minho, N'uma aldeola, qual ninho, Braz Mimoso, ferrador, Que por baboso passava, A Carlota namorava, Filha do bom regedor.

 P'r isso, sem cavaco dar, Uma noite, prasenteiro, Com um bello marmelleiro O phantasma foi 'sperar.

'stando ao pé de casa occulto 1 E vendo chegar-se um vulto, Testo, disse:—Quem vem lá? Respondeu-lhe o ferrador Não sem um vago terror: —Gente alguma aqui não ha.

Essa agora! então quem falla?
Commigo brincar faz gala?
Responde o Braz sem se alt'rar:
Do inferno venho do fundo,
Sou um' alma do outro mundo,
Que na terra anda a penar...

-Ah! é isso, men galan? Pois sabe que en son Satan E que estou com muita arcia: Tu saes sem minha licença? Pois aguenta esta sentença:

E ferron-lle uma tareia!

Matheus Juxior.

(Retribuição vo primoroso charadista Matheus Junior)

Meu illustre Matheus Junior, Charadista aprimorado, Vou eu, humilde creado, Agradecer-lhe a offerta Do triang'lo dedicado.—1

E se mais cedo não vim Retribuir tal primôr, Foi devido ao calor Que apanhei n'uma viagem Que fiz como perceptor. 2

E mesmo deve saber Que ha muito n\o fiz charadas. Sendo causas motivadas De tal ausencia de tempo, As maçadoras jornadas.

Desculpe, pois, esta falta D'um cavalheiro de Malta.

Vizeu

PEQUENO ANTONINIO.

#### Logogriphe

Povoação - 11 - 10 - 11 - 10 Rio - 2 - 12 - 11 Cidade - 11 - 3 - 11 - 5 Rio - 4 - 10 - 6 - 7 Cidade - 1 - 10 Rio - 9 - 5 - 8 Povoação - 3 - 6 - 5 - 6 - 7 Rio.

Evora.

Americo V. Vilhalva

#### Decifrações

Das Charadas: — Caçarola — Baba — Lobo-gato — Patacão — Dragoeiro — Cajueiro.

Do Logogripho:—Ennio (coreixa, ganga, bernaca, noira, apode).

Do enygma: Nera.
Do problema:—24 annos.

AND THE PERSONS IN COLUMN TO SERVICE AND ADDRESS OF THE PERSON OF THE PE

Duas victimas do jogo passam uns dias no campo e contemplam á tarde, melancholicamente, o sol prestes a sumir-se.

-Como isto é bello! diz um d'elles Que bonitos campos! Que

bellas serranias! Que tapete tão verde!

—Sim, redargue o outro. E.o sol? Sabes o que parece o sol? Uma moeda de cinco tostões quasi a perder-se.

## UM CONSELIIO POR SEMANA

Recommendamos, para preservar dobicho os cascos dos na-

vios e dos barcos, a seguinte preparação:

Faga-se ferver, em oleo de linhaga, genciana ou outras plantas amargas, e quando tenha cessado de se elevar o vajor, misture-se o oleo com breu en alcatrão, fazendo ferver a mistura. Quando se applica aos navios, junta-se-lhe aloes em pó.

## JARJAILLE NO PARAISO

## Lenda Provençal

(Alphonse Daudot)

Jarjaille, moço de fretes de Saint-Rémy, deixou se morrer uma bella manhà, e cil-o em caminho da eternidade... O caminho é vasto e profundo, negro como breu, capaz de metter medo ao mais destemido.

Jarjaille não sabe para oude ir, vagueia na escuridão, raugendo os dentes e esbracejando, ás apalpadellas. No fim de muito tempo distingue ao longe, no ponto mais elevado, uma pequena luz. Dirige-se para alli. Era a porta de Paraiso.

Jarjaille bate: Truz! truz!

— Quem é? pergunta 8. Pedro.

-- Sou cu.

—Tu quem?

—Jarjaille.

-Jarjaille de Saint-Rémy?

-Esse mesmo.

—Mas, grande maroto, diz-lhe 8. Pedro, tu não tens vergonha de quereres entrar no paraiso, tu, que durante vinte annos não foste uma só vez á missa!... Tu, que quando podias comias carne á sexta-feira e ao sabbado, se a tinhas!... Tu, que por escarneo chamavas ao trovão o tambor dos caracoes, porque os caracoes apparecem durante a tempestade... Tu, que quando teu pae te dizia: «Jarjaille, Deus castigar-te-ha», respondias quasi sempre: «Deus? Mas quem o viu? quando se morre, morre-se.» Tu, que o renegavas e blasphemavas, ousas apresentar-te aqui, abandonado de Deus?

O pobre Jarjaille respondeu:

—Eu não digo o contrario, sou um peccador, um miseravel peccador. Mas quem podia suppor que, depois da morte, haveria ainda tantos mysterios? Emfim, enganei-me, e o que não tem remedio, remediado está. Mas ao menos, meu bom S. Pedro, deixae-me fallar a meu tio, para lhe contar o que se passa em Saint-Rémy.

-Qual tio?

-Meu tio Matéri, que era carmelita.

—0 teu tio Matéri? Está no purgatorio por cem annos.

-Por cem annos! . . . E o que tinha elle feito?

Lembras-te de que era elle quem levava a cruz nas procissões... Um dia, alguns amigos galhofeiros combinaram-se, e quando elle passou, houve um que disse: «Olha Matéri, que leva a cruz!»

Um pouco mais adiante, repete outro: «Olha Matéri, que leva a crusta Pinalmente, um terceiro aponta o, disendo: «Olha, olha

Materi, impacientado, replica: «O que eu levo?... se eu te

—Essa deve estar no inferno, porque eu não a conheço.

-Oh! que aquella esteja com o diabo não me admira. Ima-

ginae que com uns grandes ares devotos ...

-Jarjaille, eu não tenho tempo para te ouvir. Preciso de ir abrir a porta a um pobre varredor de ruas, que um burro, com um coice, acaba de mandar para o Céu.

-0' grande S. Pedro! visto que sois tão bom, deixae-me

ver o vosso Paraiso. Dizem que é tão bonito!...

-Essa é boa!... Julgas que deixarei entrar n'elle um vil calvinista como tu?

-Vamos, bom santo! Lembrae-vos de que meu pae, mari-

nheiro do Rhône, leva o vosso pendão nas procissões...

-Pois bem, seja, disse o santo... Por causa de teu pae, concedo te isso... mas tu deitarás apenas a cabeça pela porta, o sufficiente para ver, fica entendido.

—Nada mais.

Dito isto, o celeste porteiro entre abre a porta e diz a Jarjaille: «Ahi tens, vê...» Mas em um momento, como o santo —Dois até, se quizeres, responde o santo.

-Sabes o que me acontece? Acho-me n'estes e n'estes casos; agora, o que hei-de eu fazer?

-E' preciso fallar a um bom advogado e fazer comparecer

perante Deus o dito Jarjaille.

Os dois procuram um advogado, mas advogados, no paraiso, foi coisa que nunca se viu. Procuram um official de justiça, e ainda menos.

S. Pedro já não sabia para onde se havia de voltar.

Por acaso, passa S. Lucas.

-Que tens tu, meu pobre Pedro? Como estás afflicto! Foi

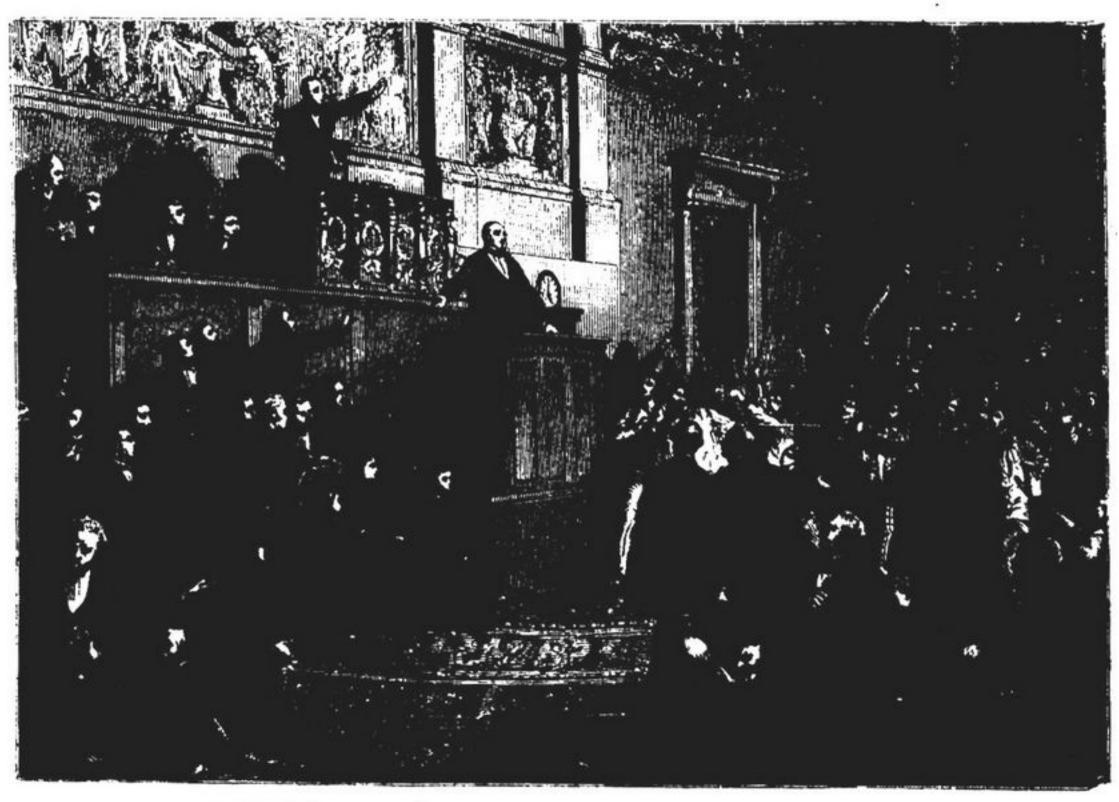
Nosso Senhor que te molestou?

-Cala-te, homem, respondeu elle. Aconteceu-me um caso de maldição. E' um tal Jarjaille, que entrou por engano no Paraiso, e não sei como hei-de fazel-o sahir.

─E d'onde é elle?

-De Saint-Rémy.

-De Saint-Remy? disse S. Lucas. Oh! meu Deus! Como tu



A DUQUEZA D'ORLÉANS NA CAMARA DOS DEPUTADOS FRANCEZA

llie voltasse as costas, o ladino Jarjaille entra no Paraiso, i andando para traz.

—Que fazes? diz-lhe S. Pedro.

 — A claridade caga-me, responde o homem de Saint-Rémy; é preciso entrar de costas. Mas ficae socegado, que, conforme a minha palavra, logo que tenha visto, não vou mais adiante.

-Bem, pensou o bemaventurado; cai no laço, e o patife cá

está no Paraiso!

-Oh! disse Jarjaille, como se está bem aqui! Como isto é

bonito! Que bella musica!

Depois de um momento, o santo porteiro disse-lhe: «Quando tiveres visto o sufficiente, creio bem que sairás... Eu, não tenho tempo para estar aqui...

-Não vos incommodeis, respondeu Jarjaille; se tendes alguma coisa que fazer, ide sem ceremonia. Eu sahirei...quando sahir. Nada de pressa.

—Olá! mas não foi isso o que nos combinámos!

-Meu Deus, santo homem! como estues afflicto! Se não tivesseis bastante espaço aqui, o caso era differente; mas graças so Senhor, os logares não faltam.

—R eu digo-te que saias, porque se o bom Deus passasse... —Arranias-vos como quiserdes. Sempre ouvi diser: Osom

és ingenuo! Para o fazer sahir, não é preciso senão... escuta: eu sou, como tu sabes, o amigo dos bois e o patrono dos boieiros; com estes titulos, percorro Camargue, Arles, Nimes, Beaucaire, Tarascon, conheço todo esse bravo povo e sei como heide leval-o... Elles saltariam no fogo para verem uma tourada... Espera um pouco. Eu me encarrego de expulsar o tal Jarjaille.

N'esse momento pasava uma nuvem de anjos.

-Pequenos! pst! pst! fez-lhe S. Lucas.

Os anjinhos approximaram-se.

-Sai docemente do Paraiso e quando chegardes á porta, passae correndo e gritando como em Saint-Rémy, nas touradas: «Os touros! os touros!...Oh!...Oh!...Os ferros!»

E' o que fazem os anjos. Sahem do Paraiso, e quando chegam defronte da porta, precipitam-se, gritando: -Os touros! Oh! Oh! . .

Ouvindo isto, Jarjaille volta-se estupefacto: «Eia com os diachos! Tambem aqui ha touradas! Depressa... depressa... Lanca-se para a porta como um doido.

Manual Commence of the same